

## FONTES HISTÓRICAS EM SALA DE AULA: A MOBILIZAÇÃO DE DOCUMENTOS PARA SE PENSAR A CONDIÇÃO FEMININA NO ILUMINISMO

HISTORICAL SOURCES IN THE CLASSROOM: MOBILIZING DOCUMENTS TO THINK ABOUT THE STATUS OF WOMEN IN THE ENLIGHTENMENT

Ana Laura de Castro Vieira<sup>1</sup>

Fernanda Cássia dos Santos<sup>2</sup>

Naiara Stefani de Souza Rocha Cirqueira<sup>3</sup>

302

**Resumo:** Este trabalho objetiva relatar uma experiência, ocorrida no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia, através de um projeto desenvolvido pelo Núcleo Interdisciplinar História/Geografia do Programa de Residência Pedagógica/CAPES, acerca da utilização e mobilização de fontes para promover reflexões e problematizações sobre o Movimento Iluminista do século XVIII, a partir de um recorte relacionado à história das mulheres. Busca-se, assim, apresentar algumas possibilidades e abordagens didáticas e historiográficas para se trabalhar um conteúdo comumente exposto na Educação Básica sob uma perspectiva falocêntrica. Compreendemos que as fontes históricas surgem como uma importante ferramenta para o professor e os estudantes, ampliando as possibilidades de conhecer e interpretar o passado. Neste sentido, propusemos uma sequência didática que se utiliza de obras filosóficas e literárias visando ampliar a compreensão dos/as estudantes a respeito da história das mulheres nos setecentos. Num primeiro momento, discutimos como Mary Astell, Catharine Macaulay e Mary Wollstonecraft participaram do debate iluminista, através da análise de excertos das obras *The Christian Religion as Profess'd by a Daughter of the Church of England* (1705), *Letters on Education With Observations on Religious and Metaphysical Subjects* (1778) e *A Vindication of the Rights of Woman* (1792). Em seguida, propusemos a discussão e análise de contos literários como *A Bela e a Fera* (1756), de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont e *Chapeuzinho Vermelho* (1697), de Charles Perrault. Tais documentos foram apresentados às turmas de oitavos anos à luz da história social, sendo inseridos na sociedade e no tempo, e não como um mero reflexo do real.

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia, analauradcv20@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora e mestra em História pela Universidade Federal do Paraná, professora de História da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia e docente supervisora no programa Residência Pedagógica, fernanda.cassia@ufu.br

<sup>3</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia, eusounaiaste@gmail.com

Recebido em 30/03/2024

Aprovado em: 20/10/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



**Palavras-chave:** Ensino de História. Mulheres. Iluminismo. Fontes históricas.

**Abstract:** This paper aims to share an experience from the Application School of the Federal University of Uberlândia, involving a project developed by the Interdisciplinary History/Geography Nucleus of the Pedagogical Residency Program/CAPES. It delves into the use of sources to provoke reflections and discussions on the Enlightenment Movement of the 18th century, particularly within the context of women's history. The goal is to explore alternative didactic and historiographical approaches to a subject typically taught from a male-centric perspective in Basic Education. We recognize historical sources as invaluable tools for both educators and students, offering broader insights into the past. With this in mind, we designed a didactic sequence that incorporates philosophical and literary works to enhance students' understanding of women's history during the 1700s. Initially, we examined the contributions of figures like Mary Astell, Catharine Macaulay, and Mary Wollstonecraft to the Enlightenment discourse, analyzing excerpts from their respective works. Following this, we facilitated discussions and analyses of literary tales such as "Beauty and the Beast" and "Little Red Riding Hood," placing them within the social and historical contexts of their time rather than viewing them solely as reflections of reality.

**Keywords:** History Education. Women. Enlightenment. Historical Sources.

## Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar, por meio de um relato de experiência, as potencialidades e os desafios em se utilizar fontes históricas em sala de aula, enquanto recurso didático. Essa proposta surge a partir de regências planejadas no Programa de Residência Pedagógica, fomentado pela CAPES, no núcleo de História/Geografia atuante no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia (Cap-Eseba-UFU), mediante a necessidade de abordar sobre a temática iluminista em consonância ao currículo da escola.

O Programa de Residência Pedagógica tem por finalidade aperfeiçoar a formação de professores nos cursos de licenciatura, prioritariamente aos discentes da segunda metade da graduação. Nesse sentido, os bolsistas devem desenvolver regências em salas de aula de escolas públicas de educação básica, acompanhados pelo professor ou professora da escola. Ademais, torna-se uma possibilidade de imersão continuada no contexto escolar, de modo que o graduando consiga compreender e se familiarizar com a complexidade da rotina docente, seus percalços e suas satisfações.

No que diz respeito ao campo curricular, atualmente, o Cap-Eseba-UFU adota, na área de História, um currículo pautado em eixos temáticos. Contempla, portanto, no 2º ciclo – 4º e 5º ano – temáticas relacionadas à diversidade cultural, meio ambiente, ética e cidade e campo; no 3º ciclo – 6º e 7º ano – aborda-se tecnologia, relações de trabalho e consumo e deslocamentos

e migrações; e, por fim, no 4º ciclo – 8º e 9º ano – estuda-se relações de poder e de gênero, política, juventude e mídias e informação. Especialmente no recorte do 8º ano do Ensino Fundamental, etapa em que o núcleo de residentes atua.

O núcleo propôs uma nova abordagem para a construção do saber histórico sobre o Iluminismo europeu, visto que recorrentemente esse tema é trabalhado nos livros didáticos partindo apenas dos grandes cânones filosóficos – homens brancos, que discutem sobre liberdade, humanidade e cidadania. Nesse sentido, com o objetivo de tecer uma visão a contrapelo, foi proposto um recorte de gênero, contemplando mulheres que, no século XVIII, escreveram sobre a condição feminina da época e as suas potencialidades no campo da educação e da intelectualidade.

Assim, esse projeto surge de uma inquietação ao observar a ausência e a defasagem da experiência histórica das mulheres nos conteúdos curriculares tradicionais de História. A partir disso, desenvolveu-se uma sequência didática com previsão de conclusão em três aulas de cinquenta minutos, em que seria contextualizado o que foi o movimento iluminista e como as mulheres foram representadas pelos filósofos que participaram do movimento; como elas foram descritas pela literatura da época; como elas responderam aos postulados filosóficos produzidos sobre a condição feminina e qual o status da literatura produzido por elas.

É importante destacar que, anteriormente, os alunos estudaram sobre o Antigo Regime, suas características e seu declínio, e foram introduzidos à temática iluminista e a sua relação com a burguesia, bem como o surgimento da enciclopédia e a divulgação do conhecimento científico, sendo estes conteúdos ministrados pela professora da turma. A partir deste contexto introdutório, pautamos como principais dois objetivos para a sequência didática: reconhecer a presença feminina no movimento iluminista, identificando a posição social e racial dessas mulheres, e desenvolver um trabalho de análise com fontes históricas, em especial, a literatura, para a construção do conhecimento.

Assim, o projeto encontra-se pautado em bibliografias que discutem a condição feminina no século XVIII sob o contexto do movimento iluminista francês, além de autores que discursaram sobre as potencialidades do uso de documentos históricos para a compreensão desse contexto. Foram selecionados trechos de obras de filósofas que produziram conhecimento e que foram silenciadas à época, como Mary Astell, Catharine Macaulay e Mary Wollstonecraft, além de contos literários que representassem a imagem feminina idealizada naquele período, como em “Chapeuzinho Vermelho” e “A Bela e a Fera”.

O projeto foi ministrado em três turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental e, como pontuado anteriormente, foi dividido em duas etapas: a primeira discutindo a condição feminina no Iluminismo; e a segunda, debatendo-se as relações entre o discurso de liberdade proferido pelos teóricos iluministas e suas contradições diante do incentivo à escravidão e ao colonialismo. Neste artigo compartilhamos nossa análise sobre a primeira etapa.

## **Pensadoras iluministas e o conto “Chapeuzinho Vermelho” de Charles Perrault como fontes históricas no ensino de história**

### **Primeira aula**

A primeira aula se iniciou com uma retomada daquilo que os estudantes recordavam a respeito do Iluminismo. Esse processo demonstrou-se necessário diante do questionamento que foi proposto em seguida, se eles reconheciam dentre os nomes dos principais pensadores, alguma mulher. Diante da resposta negativa, os estudantes foram introduzidos ao material de apoio elaborado pelas residentes, o qual contém um texto de Renata Almeida<sup>4</sup> sobre a França iluminista e a falta de visibilidade das mulheres neste contexto.

Em seguida, foram apresentados, de forma comparativa, trechos de discursos filosóficos sobre a mulher da autoria de Immanuel Kant<sup>5</sup> e Jean Jacques Rousseau<sup>6</sup> em contraste com textos

---

<sup>4</sup> ALMEIDA, Renata Lopes Marinho. A mulher letrada na França Iluminista: trajetória, sociabilidade e possibilidades. In: XXIX Simpósio Nacional de História, Contra os Preconceitos: História e Democracia, Brasília, 2017. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília: 2017. ISBN: 978-85-98711-18-8.

<sup>5</sup> Foram utilizados trechos da obra **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**, de 1764. In: KANT, 2012, p. 34 apud MALLMANN, 2021, p. 3.

<sup>6</sup> Foram utilizados trechos da obra **Emílio ou da Educação**, de 1762. In: SOUZA, 2015, p. 151 - 152.

de Mary Astell<sup>7</sup>, Catharine Macaulay<sup>8</sup> e Mary Wollstonecraft<sup>9</sup>. Neste momento, a dinâmica proposta era que fossem realizadas leituras revezadas entre os autores e as autoras, evidenciando e solicitando para que os alunos apontassem as principais diferenças, especialmente no que tange à educação de mulheres e a construção dos códigos morais normativos pelo discurso científico. Essa discussão partiu do artigo de Anderson Gomes<sup>10</sup>, em que o autor compreende essas autoras como as principais precursoras de obras de cunho profeminista, isto é, estudiosas que propuseram as bases de uma filosofia emancipadora e defensora dos direitos das mulheres.

Nesse sentido, foi necessário reiterar que essas personagens apenas conseguiram esse espaço e as condições para produzir esse tipo de filosofias por estarem em um lugar privilegiado de classe e raça, uma vez que isso determinou seu acesso ao letramento naquele contexto. A partir deste debate sobre privilégios e as representações acerca do feminino no século XVIII, introduzimos a importância de se analisar alguns documentos para expandir e aprofundar nossa compreensão histórica sobre determinado período ou acontecimento.

## Segunda aula

Com base nas discussões de José D'Assunção Barros<sup>11</sup> sobre fontes históricas, elaboramos um material, utilizado na segunda aula, de modo que os alunos pudessem ter o registro do que são esses documentos, o porquê eles são importantes para o historiador, quais

---

<sup>7</sup> Foram utilizados trechos da obra **The Christian Religion as Profess'd by a Daughter of the Church of England**, publicada pela primeira vez em 1705. In: GOMES, Anderson Soares. Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S. l.], v. 18, n. 29, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matruga/article/view/26059>

<sup>8</sup> Foram utilizados trechos da obra **Letters on Education With Observations on Religious and Metaphysical Subjects**, publicada pela primeira vez em 1778. In: GOMES, Anderson Soares. Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S. l.], v. 18, n. 29, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matruga/article/view/26059>

<sup>9</sup> Foram utilizados trechos da obra **A Vindication of the Rights of Woman**, publicada pela primeira vez em 1792. In: GOMES, Anderson Soares. Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S. l.], v. 18, n. 29, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matruga/article/view/26059>

<sup>10</sup> Gomes, Anderson Soares. Mulheres, sociedade e Iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S. l.], v. 18, n. 29, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matruga/article/view/26059>. Acesso em: 20 jun. 2023.

<sup>11</sup> Barros, José D'Assunção. *Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

são suas possíveis classificações (verbais, não-verbais, complexas e imateriais). Neste material também foi introduzido um exercício a partir da compreensão da literatura como objeto de análise, sem considerá-la um mero reflexo da sociedade, tendo nuances e complexidades que devem ser consideradas, mas que dialogam com o leitor e tem alguns objetivos que podem contribuir com evidências sobre o momento em que ela foi produzida.

Em consonância a essa abordagem, Antônio Ferreira reitera o cuidado necessário ao abordar a literatura enquanto fonte, visto que

O historiador não deve se deixar seduzir facilmente por tais rótulos. Cabe àqueles que trabalham com a fonte literária, em vez de enquadrá-la em algum gênero pressuposto, interrogar a que público ela se destina e que papel cumpre nas condições sociais e culturais de uma época. Isso não significa, contudo, ignorar as contribuições que desde a Antiguidade foram estabelecidas para o conhecimento da diversidade literária. Elas podem ser úteis para se evitar o anacronismo, quer de explicar a ficção atual pelas convenções do passado, quer de projetar naquele às formas textuais do presente.<sup>12</sup>

Assim, para que os estudantes pudessem ter elementos para basear sua análise sobre determinada literatura, foi proposto um roteiro de pesquisa, em que eles deveriam, antes de tudo, responder às seguintes perguntas: Qual o ano de publicação da obra? Quem é o autor? Onde nasceu? Qual a história dessa pessoa? Qual o contexto histórico quando essa obra foi publicada? Quais são os temas abordados na obra? Qual o público-alvo do autor com esta obra?

Logo após a realização dessa primeira atividade, fizemos a leitura do texto completo do conto “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault, publicado em 1697<sup>13</sup>. Ao final da obra há em destaque um trecho voltado às crianças da época, especialmente para as meninas, explicando sobre como se portar, o que evidencia o cunho moral recorrente nos contos de fadas produzidos e reproduzidos no século XVIII. Portanto, a partir da leitura coletiva do conto, os estudantes realizaram a análise da história e responderam a outras questões previstas no roteiro.

## O conto “A Bela e Fera”, de Jeane-Marie Leprince de Beaumont como fonte histórica no ensino de história

### Terceira aula

Neste projeto apropriamos da concepção de Ruiz<sup>14</sup> ao considerar que precisamos “ensinar aos alunos não a contemplar o ‘edifício da História’ como algo já pronto, mas (...)

<sup>12</sup> Ferreira, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: Pinsky, Carla Bassanezi; Luca, Tania Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: contexto, 2009, p. 74.

<sup>13</sup> Perrault, Charles. Chapeuzinho Vermelho. In: AVILA, Marina (org). **Contos de fadas em suas versões originais**. Tradução: Belhassof, Cláudia; Lemos, Felipe; Muniz, Ariane; Coelho, Carolina Caires. São Caetano do Sul (SP): Wish, 2020.

<sup>14</sup> Ruiz, 2003, p. 77 apud Almeida; Amador, 2019, p. 114.

ensinar-lhes a edificar o próprio edifício”. Para tal, recorreremos à literatura como fonte, vislumbrando nela possibilidades “para que o aluno construísse sua própria concepção de História, construísse conceitos e relacioná-los a diferentes problemáticas”<sup>15</sup>. Ademais, encarando a literatura como meio de abranger o olhar dos discentes sobre os sujeitos nas mais diversas culturas e períodos históricos, este trabalho traz para a sala de aula o conto da “A Bela e a Fera”, de Jeane-Marie Leprince de Beaumont<sup>16</sup>.

A história inicia-se com um rico mercador e seus filhos, sendo três meninos e três meninas, perdendo a fortuna e precisando trabalhar. Após receberem uma carta com promessas de recuperar suas riquezas, as filhas pedem ao pai vestidos e chapéus, ao passo que, Bela, a filha mais jovem apenas deseja uma rosa. Ao contrário das irmãs, não reclamava desta vida árdua e após seu trabalho lia, tocava, cantava ou fiava. Após não receber a fortuna e se perder na floresta, o mercador adentra a um palácio e ali repousa. Quando vai embora acaba recolhendo a rosa de Bela e é surpreendido pelo proprietário do castelo: uma furiosa fera. Este solicita que o mercador traga uma das filhas para tomar o lugar dele como prisioneiro. Ao saber desta situação, Bela se prontifica a ir para o castelo e fazer a troca. Descrito como um monstro, a Fera é afável com a garota e acaba pedindo a jovem em casamento. Mesmo com a recusa de Bela, ele continua insistindo no matrimônio por meses e, quando ela expressa que deseja ver o pai, a faz prometer retornar.

Ao visitar a família e perceber que suas irmãs se casaram com homens narcisistas e arguciosos, Bela acaba se sentindo culpada por rejeitar a Fera. Mesmo não sentindo afeição por ele, reconhece que será um bom marido, pois é virtuoso e gentil. Quando retorna ao palácio, no entanto, encontra-o fraco, pois decidiu morrer de fome quando ela demorou para voltar. Bela então aceita ser sua esposa e, no lugar da Fera, vê aparecer um belo príncipe. O rapaz diz que uma fada havia o condenado a ficar naquela aparência até aparecer uma bela virgem aceitando seu pedido de casamento. No fim, Bela recebe a recompensa da fada por ter escolhas sensatas e suas irmãs acabam se tornando estátuas na frente do palácio para que, assim, pudessem sempre admirar a felicidade da jovem.

---

<sup>15</sup> Almeida; Amador, 2019, p. 114.

<sup>16</sup> Beaumont, Jeanne-Marie Leprince de. A Bela e a Fera. In: Avila, Marina (Org.). **Contos de fadas em suas versões originais**. Tradução: BELHASSOF, Cláudia; LEMOS, Felipe; MUNIZ, Ariane; COELHO, Carolina Caires. São Caetano do Sul (SP): Wish, 2020.

A escolha por esta história se baseou em como as figuras femininas e masculinas são descritas nesta obra, em especial sobre o destino da mulher voltado ao casamento. Ademais, destaca-se a autoria deste conto, que gera reflexões sobre o universo das letras no período iluminista para além da perspectiva masculina, destacando que as mulheres também eram autoras. Contudo devemos ressaltar as nuances e o lugar social ocupado por estas escritoras. Jeane-Marie, por exemplo, cresceu em uma família de classe média e aos quatorze anos começou a estudar, tendo como objetivo ser freira e educar meninas. Posteriormente acaba desistindo do convento e passa a trabalhar como preceptora, professora de música e dama de companhia. Neste período que passou na corte conheceu grandes nomes da época, como o filósofo Voltaire. Além disso, teve contato com as obras das escritoras contemporâneas Émilie Du Châtelet, Madame de Layette e Christine de Pizan. Influenciada por estas aproximações, tenta a sorte no mundo das letras. "Entretanto, naquele período a literatura era dominada por homens, e a vasta educação requintada de Jeanne-Marie não era comum em relação à maioria das mulheres da época."<sup>17</sup> Divorciada e mãe, cria a *Le Nouveau Magasin Français*:

A revista reunia tratados de boas maneiras e princípios morais elevados, além de textos literários e científicos com fins pedagógicos. O conjunto enfatizava a educação de meninas, jovens adolescentes e até mulheres adultas em busca de polimento social. Sua linha de trabalho, no entanto, combinava o iluminismo pedagógico com uma forte moral cristã.<sup>18</sup>

Assim, a autora enfatizava a educação feminina, mas também como a mulher deveria se comportar na sociedade. Nesse sentido, ao apresentar o conto em sala de aula introduzimos a biografia da autora e estas características a seu respeito, questionando em seguida se os discentes conheciam a história da Bela e a Fera. De imediato se lembraram do desenho da Disney<sup>19</sup> e narraram um pouco da história, apontando os elementos mágicos e alguns colocaram que era uma história sobre sequestro. Antes de adentrarmos propriamente na história, ainda conversamos com eles sobre contos de fadas e suas versões, salientando as releituras assustadoras dos irmãos Grimm sobre outras obras. Destacamos, então, que estas narrativas faziam parte da história oral e que no medievo as pessoas “utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais”. Baseando-se nas afirmações de Darnton<sup>20</sup>, reforçamos

<sup>17</sup> Rocha, Gabriella Rovassine da. A Bela e a Fera: a representação feminina nas versões de Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve e de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont. 2019. 69 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, Estudos literários) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019, p. 25.

<sup>18</sup> Beaumont; Villeneuve, 2016, p. 17 apud Rocha, 2019, p. 25.

<sup>19</sup> Adaptação da Disney, de 1991.

<sup>20</sup> Darnton, 1986

que esses contos podem ser fontes para História e que, apesar de não serem datados com precisão, eram um meio para conhecer o Antigo Regime".

Isto posto, os alunos se dividiram em trios e iniciamos a leitura em conjunto do conto. A escolha por este método se deu mediante resultados positivos obtidos em uma oficina com o núcleo da Língua Portuguesa da Residência Pedagógica, a qual envolvia literatura e História. Contudo, notamos que na primeira turma somente com a leitura a experiência estava ficando maçante e os discentes dispersos. Assim, solicitamos que as outras turmas dramatizassem o conto de maneira teatral. Para isso, ficou acordado que todos leriam um parágrafo como narrador e aqueles alunos que escolhessem ler as falas das personagens deveriam procurar realizar uma leitura em que as emoções fossem transmitidas. Com isso, percebemos que houve um maior interesse pela proposta e uma maior interação dos discentes, seja conosco, seja entre eles.

Após a realização desta atividade aplicamos um roteiro em conjunto com os discentes, onde questionamos sobre como as figuras masculinas e femininas apareciam na história. As turmas destacaram que Bela é apresentada como bondosa e caridosa, ao passo que, a Fera é um monstro gentil. Chamamos atenção para o fato de que a jovem é uma personagem leitora, mas seu futuro não está relacionado à educação e sim ao matrimônio. É como se ela pudesse sonhar, estudar... desde que no fim fizesse as escolhas certas. Os discentes ainda salientaram que a Fera fez uma chantagem emocional para que a garota aceitasse casar-se com ele. Frisaram, ainda, que o feitiço só seria quebrado se ele se casasse como uma moça virgem, destacando qual a jovem ideal para o matrimônio. Por fim, perguntamos se eles notaram diferenças deste conto com a releitura que eles conhecem da Disney. Foi percebido que muitos elementos mágicos não aparecem na versão de Jeane-Marie e que a Fera pede a moça em casamento de imediato, enquanto no desenho há uma construção romântica que o torna mais palatável aos dias de hoje.

## Resultados

Na discussão envolvendo trechos de pensadores e pensadoras iluministas houve indignação por parte das turmas ao saber das ideias de Kant e Rousseau. Ao serem questionados se essas ideias se perpetuavam em nossa sociedade, os alunos demonstraram certa dificuldade em entender a desigualdade de gênero como algo estrutural. Se em suas famílias, as tarefas de casa eram divididas, por exemplo, consideravam que a dupla jornada das mulheres era algo não tão presente no mundo atual. Já na introdução sobre contos de fadas, consideramos que o debate foi para além do esperado. Ao falarmos sobre as diversas releituras destas histórias, os alunos

lembraram da adaptação da pequena sereia de 2023, onde Halle Bailey, uma mulher negra, interpreta Ariel, uma princesa que na versão mais antiga da Disney era branca. Apontaram que não fazia sentido, pois isso mudava o conto clássico e deturpava o original. Ao salientar que a história da Disney também era uma adaptação e que tivemos várias releituras de Ariel que modificaram, inclusive, o final da história, continuaram relutantes sobre a versão de 2023.

Na aplicação dos roteiros, notamos que entenderam a importância da fonte literária e como analisá-la. Na atividade da *Chapéuzinho Vermelho*, realizada individualmente, solicitamos: quem era o autor e em que ano foi publicada a obra; realização de um breve resumo da história; quais aspectos do conto se aproximavam com o pensamento iluminista, especialmente sobre como as mulheres deveriam ser e se portar; qual era o público-alvo que este conto era destinado e com qual o objetivo/sentido este conto foi direcionado para essas pessoas. Na correção deste exercício, pudemos notar que a maioria dos estudantes entenderam como realizar a análise, fazendo bons resumos, estabelecendo relação entre o conto e o período iluminista, vislumbrando qual o público-leitor da obra. Alguns ainda apontaram que o lobo era um abusador e que a lição de moral da adaptação reforçava que as meninas deveriam tomar cuidado com este tipo de sujeito.

Já se tratando de desafios na realização desta atividade, apontamos o uso do *ChatGPT* em sala de aula. O número de discentes que utilizou esta ferramenta foi mínimo, mas percebemos que tem aumentado cada dia mais. Por conhecer a escrita deles, notamos este emprego, sobretudo nas questões voltadas para a análise do documento. Nesse sentido, as repostas pareciam desconexas e não relacionavam a fonte literária com os pensamentos iluministas. No mais, consideramos que este roteiro possibilitou com que os discentes percebessem a importância do trabalho historiográfico.

### Considerações finais

Trabalhar relações de gênero no ensino de História tem sido um enorme desafio, dos quais, conseguimos notar mais de perto na Residência Pedagógica. Temos turmas que expressam descontentamento, resistência e desinteresse pela temática, nesse sentido, este projeto buscou colaborar na modificação neste cenário. Ao trazer para sala de aula autoras do período iluminista, sejam pensadoras ou literatas, ampliamos a visão sobre este momento histórico para além do pensamento masculino (muitas vezes confundido como universal) usualmente destacado quando refletimos sobre o Iluminismo. Além disso, ao discutir sobre as

ideias de Kant e Rousseau sobre as mulheres, pudemos colaborar para a desmistificação sobre estas figuras históricas, colocadas muitas vezes como à frente do seu tempo.

Por fim, trabalhar fontes históricas em sala de aula possibilitou não só uma maior interação dos estudantes com o tema, conosco e entre eles, mas uma reflexão sobre questões de gênero no presente. A todo momento as turmas traziam para a sala o que ouviam na rua, em suas famílias e nos meios de comunicação, reforçando ou questionando estas percepções. Neste sentido, este projeto não se restringiu a debater gênero somente nos setecentos, mas trouxe paralelos para refletirmos sobre nosso próprio tempo.

### Referências

ALMEIDA, Renata Lopes Marinho. A mulher letrada na França Iluminista: trajetória, sociabilidade e possibilidades. In: XXIX Simpósio Nacional de História, Contra os Preconceitos: História e Democracia, Brasília, 2017. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**. Brasília: 2017. ISBN: 978-85-98711-18-8.

ALMEIDA, Simone Garcia; AMADOR, Kassandra Thamyris Maciel. A interdisciplinaridade no ensino de história: relações possíveis entre a história e a literatura. *Rev. Fronteiras e Debates*, Macapá, v.6, n.2, jul - dez. 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/304911210>. Acesso em: 18 mar. 2024.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986. 187.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura – A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92.

MALLMANN, Rafaela Weber. A razão como ordem social: um diálogo crítico sobre as mulheres entre Kant e Mary Wollstonecraft. *Rev. Intuitio*, Porto Alegre, v. 14, n.1, p. 1 - 14, jan - jun. 2021. Disponível em: [A razão como ordem social: Um diálogo crítico sobre as mulheres entre Kant e Mary Wollstonecraft/Intuitio \(pucrs.br\)](#). Acesso em: 19 mar. 2024.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre. Vol. 15, n. 28 (dez. 2008), p. 113-118.

ROCHA, Gabriella Rovassine da. A Bela e a Fera: a representação feminina nas versões de Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve e de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont. 2019. 69

f. **Dissertação (Mestrado em Estudos linguísticos, Estudos literários)** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019, p. 25.

SOUZA, Cristiane Aquino de. A desigualdade de gênero no pensamento de Rousseau. **Rev. Novos estudos jurídicos - Eletrônica**, v. 20, n. 1, jan - abr. 2015. Disponível em: a desigualdade de gênero no pensamento de Rousseau. *Novos Estudos Jurídicos* (univali.br). Acesso em: 18 mar. 2024.